



## APRESENTAÇÃO

O presente número da Revista Ambivalências apresenta o dossiê que reúne artigos sobre (i)migrações, desenvolvidas na interseção com o tema do corpo, gênero e/ou sexualidade. Esses múltiplos atravessamentos nada mais são do que relações de poder que implicam localização, classificação, hierarquização, mas também em transgressão social. Os processos (i)migratórios são fenômenos sociais que se materializam por meio da produção de múltiplos marcadores, tais como o gênero, a sexualidade e o corpo.

No dossiê, os artigos versam sobre realidades e contextos diferenciados que, em alguma medida, se aproximam e revelam similitudes, mas também em muitos casos revelam olhares que seguem caminhos bem diferentes, desde o arcabouço teórico, passando pelas metodologias utilizadas até a maneira como os(as) autores(as) construíram as sínteses discursivas das temáticas desenvolvidas.

Para romper com determinados padrões, tentar demonstrar o quanto a temática das identidades é fluida, e revelar como há uma diversidade de campos a serem explorados quando falamos de processos migratórios, é necessário visibilizar e apresentar escritas que (des)reconstruam as abordagens dadas aos temas propostos e suas interseções. Até os anos 1980, no caso do Brasil, a discussão esteve mais concentrada no homem cis em mobilidade interna e externa no campo da migração laboral. Quando pensamos em corpos, sexualidades e gêneros precisamos reafirmar o plural, pois é assim que somos, existimos e nos construímos. Somos plurais. Uma pretensa homogeneidade precisa ser destimulada e a diversidade assumir o papel de leme nas discussões acerca do mundo social revelado pelas lentes dos processos identitários (ENNES, MARCON, 2014) e migratórios. Todas, todos e todes nós não escapamos de existir, por exemplo, a partir dos três marcadores analisados no dossiê. O que vai diferenciar é como lidamos com nossos corpos, sexualidades e gêneros em diálogo conosco e com a sociedade na qual estamos inseridas/os/es.

Os artigos do dossiê, por sua vez, dialogam com uma concepção de identidades entendida como jogo de forças. Assim, quem está melhor posicionado nos contextos ou campos de atuação (e isso também passa pela discussão de como eu me vejo e me aceito) pode ter maior ou menor facilidade em lidar com as adversidades e expectativas geradas pelo diálogo com o diferente. Principalmente quando esse/a outre/o/a fala uma outra língua, tem um outro marcador cultural, uma sexualidade divergente, ou seja, percebe-se e se constrói a partir de outro sistema de normas.

Não há como pensar em processos identitários e sistemas normativos sem falar de discursos e relações de poder. Vivemos a partir da construção de discursos que regem nossas rotinas, nossa maneira de pensar e agir e que, muitas vezes, acabamos por replicar normas e performances pré-estabelecidas como verdades universais sem questionar. Também naturalizamos muitas práticas e modelos. O que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989)



chama de *habitus*, Karl Marx (1984) chamava de superestrutura e Judith Butler (2009), na concepção mais restrita a gêneros e sexualidades, vai chamar de performatividade. As pesquisas aqui apresentadas vão descortinar essas naturalizações e, de forma crítica, problematizar os danos causados pelos rótulos. No jogo identitário os rótulos são muitas vezes estigmatizantes e o estabelecimento de padrões vistos como certo e errado ocorre de maneira muitas vezes intencional.

Olhar para as identidades como construções sociais, tendo como referência a fluidez dos corpos, dos pertencimentos, das relações que se embaralham e se ressignificam, das múltiplas possibilidades de ser em imersão nas mobilidades, (i)migrações, diásporas e demais mobilidades, leva-nos para viagens surpreendentes e bastante profícuas em termos teóricos e metodológicos. O fenômeno migratório que ocorre desde os primórdios da humanidade, a princípio por um caráter de sobrevivência na busca de regiões mais habitáveis, ou em busca de alimentação, foi desenhando nossa geografia mundial. Hoje, voltamos nosso olhar para as peculiaridades deste processo, nos dando oportunidade de conhecer outras histórias, outras possibilidades e outras personagens.

Navegaremos por pesquisas que irão abordar uma pequena amostra da diversidade de possibilidades de diálogo sobre o assunto, tais como: as representações midiáticas do corpo imigrante na Itália; a perspectiva de gênero na imigração da cidade mexicana de Tapachula; a negociação de valores e visões de mundo entre casais interculturais; uma discussão na área da saúde neonatal sobre a diferença que ocorre entre mães migrantes e não-migrantes em Angola; *drag queen* e *hip hop* entre venezuelanos/as no Brasil a partir das histórias de artistas que compõem a população LGBTQIA+; e a discussão da diáspora ressignificada para pensar o gênero como território de trânsitos a partir da história de vida de mulheres trans e travestis.

No artigo *Corpo desconexo: o (a) imigrante no TG1 italiano*, Fabiane Cristina Albuquerque traz alguns dos resultados da sua pesquisa de doutorado sobre o corpo do (a) imigrante na mídia italiana, cuja coleta de dados foi feita entre os meses de dezembro de 2018 e junho de 2019. Por seis meses, a pesquisadora assistiu e coletou imagens e discursos no arquivo online do telejornal estatal com o maior índice de audiência no país, o Telejornal 1 (TG1), do canal estatal RAI1, das 20 horas, acerca da produção imagética do corpo(i) migrante. A autora traz a importância de lançarmos luz sobre como certos atores sociais, como a mídia, produzem e reproduzem corporeidades (incluindo corpos enxergados com sem valor) que vão balizar as percepções de seus interlocutores. Em situação de migração, alguns corpos são mais preferidos que outros e os indesejados podem ser violentados e descartados.

No artigo *Arte e improviso na "migração LGBTQIA+": drag queen e hip hop entre venezuelanos/as no Brasil*, escrito por Caobe Lucas Rodrigues de Sousa e Macarena Williamson, traz um estudo etnográfico que analisa as expressões performáticas e artísticas de Robert, artista venezuelano que faz drag queen em Boa Vista e Avril, uma hiphopera, lésbica e venezuelana em São Paulo. Os autores trouxeram uma reflexão sobre o improviso e a arte como processos de subjetivação que atravessam, interpretam e significam a experiência migratória de venezuelanos/as que se identificam como LGBTQIA+ no Brasil. Tanto nas expressões de drag queen, como no hip hop migrante os marcadores de



feminilidade e masculinidade aparecem como fluxos que atravessam como feixes a arte produzida pelos artistas e que não se descolam do cotidiano dos imigrantes. Em suma, esses atravessamentos são elementos que potencializam ambos processos criativos.

No artigo *Fazendo território a partir do corpo: a imigração em Tapachula desde uma perspectiva de gênero*, Julia Ferreira Scavitti e Ramón Alejandro Montoya nos leva para o México e trazem uma discussão sobre a corporalidade e subjetividade das imigrações a partir de uma perspectiva de gênero e feminista, propondo pensar os direitos da imigração como ligados ao corpo-território que representa a pessoa imigrante. Os autores também atentam para um compromisso em relação aos direitos humanos sistematicamente violados em situação de migrações e mobilidades. As reflexões dos autores abrem os nossos olhos para a construção de possibilidades que contemple a variedade de corpos, a diferença entre eles. A partir das autoras e de seu artigo podemos entender que um corpo-território é aquele pensado como pluralidade, o que pode revelar uma nova concepção de direitos humanos não homogeneizadora.

No artigo *Casais interculturais entre tradição e tradução: da entrega amorosa à negociação de novos códigos sociais*, Mohammed Rio ElHajji e Catarina Gonçalves, apresentam uma discussão de como mulheres protagonistas de uma realidade transnacional (brasileiras casadas com estrangeiros e estrangeiras casadas com brasileiros) negociam valores, visões de mundo e projetos de vida. e fazem reflexões sobre interculturalidade familiar. Contrair matrimônio com alguém que tem uma outra matriz cultural é um processo de trazer para próximo de nós aquele que até então estava distante. A experiência sobre gostos alimentares é uma dessas faces em que o casamento intercultural pode oferecer a possibilidade de construção de espaços culturais híbridos em que não se anulam as culturas, mas permitem o aparecimento de zonas culturais novas, num processo criativo perpassado por relações de poder.

No artigo *Cuidados corporais aos recém-nascidos de mães angolanas: saúde, interculturalidade e migração interna*, Elsy Tavares e Natália Ramos traz uma análise sobre os saberes e práticas de mães angolanas no que diz respeito aos cuidados corporais com o recém-nascido, em particular com o coto umbilical, através de um estudo descritivo, exploratório, comparativo e transversal. As mães angolanas provenientes do interior ainda carregam consigo a relevância da tradicional passada de geração para geração no trato do coto umbilical. Mas, há uma possibilidade de que algumas práticas sejam ressignificadas a partir do acesso a outras formas de cuidados neonatais gerados pela experiência migratória na capital, Luanda.

No artigo *Reflexões sobre a diáspora trans: mobilidades da crise do gênero*, Cleber Meneses apresenta um conceito novo para os processos diaspóricos tomando como base a intersecção entre as categorias de migrante e transgênero, como expressão do processo de des/reconstrução identitária a partir do fenômeno da diáspora vivenciada pelas mulheres trans e travestis brasileiras.

Por último, o dossiê publica o artigo *Estado, Nação e regulação da reprodução social: um estudo comparativo sobre cidadania, gênero e raça nas políticas sociais britânicas (1908-*



1948) de autoria de Thiago Romão de Alencar, com base na Teoria da Reprodução Social (TRS), apresenta um estudo comparativo entre dois momentos da história do Reino Unido onde os tensionamentos entre cidadania e políticas sociais explicitaram as contradições de gênero, raça e classe que regulam a reprodução social no modo de produção capitalista. Os períodos em comparação se notabilizaram pela expansão das políticas sociais por parte do Estado britânico: seja na virada do século XX, quando os esboços de uma política social mais centralizada foram implementados no auge do imperialismo, seja no pós-Segunda Guerra, período em que um novo paradigma macroeconômico surgiu acompanhado de alterações substanciais na regulação da reprodução social. Em ambos os casos, foi ressaltado o papel do Estado nessa regulação, e apontou-se como o nacionalismo que dá sentido e limites a tal Estado-nação é componente central da regulação racializada e generificada do acesso aos meios de subsistência por parte das diversas frações da classe trabalhadora no Reino Unido. Além disso, o autor demonstrou como esse processo envolveu a redefinição daqueles considerados aptos a integrarem a comunidade nacional e a possuírem um acesso mais completo aos benefícios advindos da posição da Grã-Bretanha na economia mundial. Por fim, Thiago Alencar demonstrou como tal acesso, mediado de diversas maneiras, resulta em diferentes experiências de classe tanto na esfera da produção como na reprodução para essas diferentes frações. Fatores como domesticidade, família e trabalho assalariado tornam-se diferenciadores sociais que estabelecem hierarquias no interior da classe trabalhadora entendida de maneira ampliada a partir da TRS.

Com este dossiê, acreditamos ter publicado ótimas contribuições para o campo dos estudos migratórios que tiveram como universo empírico diversos países de destino e pessoas migrantes de várias nacionalidades. Assim, buscamos fortalecer o debate sobre sua atualidade, pluralidade, complexidade e sobre a necessidade de nos manter atentos sobre formas explícitas e veladas de discriminação e violência contra a pessoa migrante.

Além do dossiê, o presente número publica três textos em sua seção de livre de artigos. O primeiro de autoria de Adson Manuel Bulhões da Silva e Caroline Silvestre Socorro de Oliveira leva o título *A representação da alma feminina no imaginário dos povos da Amazônia*. O artigo teve como propósito desvelar os sentidos e significados da alma feminina, sua importância e influência aos estudos de gênero, buscando investigar e evidenciar o princípio ou o eterno feminino que circunda as práticas sociais das mulheres, o qual por via da alteridade e empatia inspira um ethos de Bem Viver com a natureza, assentado nas bases da cultura material e imaterial dos povos tradicionais da Amazônia. A metodologia, ancorada numa perspectiva fenomenológica e rizomática de conhecimento, concentrou-se nas técnicas metodológicas que incluíram fontes cotejadas com imagens, pinturas, poemas e canções. De acordo com os resultados dos estudos, os autores defendem a alma feminina na Amazônia se manifesta como um feminino ancestral que entremeia a vida humana com a tríade terra, floresta e água.

O segundo texto da seção livre de artigos "*A transformação do espaço urbano do Rio de Janeiro e a construção da identidade cultural de Copacabana (1900-1950)*" de autoria de Jonas Silvia Abreu que retoma a temática das identidades agora no contexto das intervenções urbanísticas e arquitetônicas na primeira metade do século XX na cidade do Rio de Janeiro. O autor observa que neste período ocorre o ápice da exclusão social, a ação



da indústria cultural na cena cultura da cidade e identifica a emergência do samba-canção como expressão de convívio entre as classes sociais por meio do espetáculo-negócio.

O terceiro artigo da seção é de autoria de Vanessa Tavares Dias, Paulo Morais e Iris Carmen Pinheiro Rodrigues. O artigo *Neoliberalismo, ideologia neoliberal e regressão de direitos* procurou compreender como a forma das propagandas sobre a Reforma Trabalhista, difundidas pelo governo de Michel Temer, apresentam recursos textuais e imagéticos que mobilizam o repertório ideológico do neoliberalismo. O objeto da análise consistiu em uma série de cinco imagens publicitárias, publicadas na conta oficial do Twitter do governo federal, no mesmo ano em que a Reforma foi aprovada, 2017. A partir de teorias sobre o neoliberalismo, as autoras elaboraram um quadro dividido em três eixos típicos da ideologia neoliberal: eixo primário relativo às aspirações autênticas dos “neosujeitos”; eixo secundário mobilizador da agência individual para os interesses do capital; e identidades relativas à nova ética de “estar no mundo”. Os princípios teórico-metodológicos buscam relacionar o conceito de ideologia, o arranjo da ideologia neoliberal e as imagens icônicas e simbólicas da peça publicitária. O estudo revelou que as propagandas incorporam vários elementos da ideologia neoliberal, tais como as aspirações dos indivíduos por “liberdade” e “autonomia”. Por outro lado, as autoras encontram elementos aparentemente contraditórios ao neoliberalismo, tais como os que prometem segurança e previsibilidade quanto ao futuro.

\*\*\*

Esperamos que este novo número da Revista Ambivalências cumpra mais uma vez sua missão de difundir estudos sobre o tema das identidades em seus mais variados aspectos.

Desejamos uma ótima leitura a todes!

Allisson Goes

Cleber Meneses

Marcelo Ennes

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 1. ed. Lisboa: Difel, 1989.

BUTLER, Judith. Performativity, precarity and sexual politics. **Revista de Antropologia Iberoamerica**, n. 4, v.3, sept/dec., 2009.

ENNES, M. A.; MARCON, F. N. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias** (UFRGS. Impresso), v. 16, p. 12-34, 2014.

MARX, karl, ENGELS, Friedrich **A ideologia alemã e tese sobre Feurbach**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.